

**ROJO, Sara. *Tránsitos y Desplazamientos
Teatrales: de América Latina a Italia.*
Santiago: Cuarto Propio, 2002, 267 p.**

Carola Oyarzún L. **

Há duas semanas recebi um e-mail de Sara Rojo no qual ela me pedia para apresentar o seu livro. Não poderia recusar, tratando-se de um livro sobre teatro e escrito por Sara, por quem a amizade e a sintonia teatral nos uniram já há muito tempo. Os estudos de teatro começaram a perseguir Sara já na época de graduação quando fez sua monografia sobre Jorge Díaz, e, deste de então, seguiram ininterruptamente seu curso. Sara continuou realizando seu mestrado em Literatura Hispano-americana na Universidade do Chile, onde fomos companheiras, foi para os Estados Unidos fazer seu doutorado, e depois foi viver no Brasil com Sebastião, e iniciou uma vida acadêmica ativa na Universidade Federal de Minas Gerais. Passou o ano 2000 na Itália, onde mergulhou no projeto que lança seus resultados no livro que hoje apresentamos. Graus acadêmicos, pesquisa e também direção teatral. Viagens, estudos, teatro e família, o itinerário de Sara foi múltiplo, mesclado, atrativo, produtivo. É uma mulher incansável, inquieta e sempre atenta aos caminhos

** Professora do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Chile.

do teatro do Chile e do mundo, seu desenvolvimento, suas mudanças e suas novas demandas, teóricas e práticas.

No meu caso, ainda que a perseguição pelo teatro foi mais tardia, não por isso, tenha sido menos intensa. Quantas conversas com Sara sobre o teatro chileno e suas mil e uma vicissitudes, o teatro de mulheres, o teatro latino-americano, o velho, o novo, os dramaturgos, os diretores, enfim... E quantos espetáculos nós vimos juntas e comentamos antes e agora (no último domingo fomos ao teatro), em cada uma de suas visitas ao país, quando chega ávida para ver as últimas novidades do teatro local.

Devo apontar que as energias de minha amiga Sara são contagiantes e este livro *Tránsitos y desplazamientos teatrales: de América Latina a Itália*, sem dúvida, contagia. Convida-nos – através da análise de cinco grupos de teatro italiano mais experimentais e recentes – a conhecer estilos, métodos, estratégias, movimentos e estéticas. A partir de um olhar que sabe reconhecer o fundamental, aproxima-nos do mundo das companhias: **Academia degli Artefatti, Fanny & Alexandre, Kinkaleri, Motus, Teatrino clandestino**¹.

Não é uma tarefa fácil a de transmitir a magnitude da experiência cênica e mais ainda neste caso em que as montagens revisadas nos são inacessíveis. Além do mais, quão pouco sabemos sobre o teatro italiano contemporâneo. Entretanto, a autora é capaz de aguçar os sentidos do leitor e nos fazer recriar espaços e corpos nas mais variadas formas representadas por esses grupos italianos.

Por isso que uma primeira particularidade que gostaria de destacar do livro *Tránsitos y desplazamientos teatrales: de*

¹ Foram respeitadas as indicações, em negrito, assinaladas por Carola Oyarzún em seu texto. (N. T.)

América Latina a Itália que nos convoca é o foco de seu estudo: o espetáculo. Acostumados – na área dos estudos teatrais – à análise textual, quase esquecendo da dupla dimensão da arte dramática, texto-espetáculo, encontramos aqui ao contrário, com um estudo de teatro italiano de última geração, analisado desde a perspectiva cênica. Reafirmo que a nossa atenção à palavra escrita tem, no Chile, uma poderosa tradição. A sensação que provoca o espetáculo parece distanciar o estudioso, inclusive o crítico de teatro. Não é estranho que essa coluna que acostumamos ler nos jornais, na busca de alguma forma de decodificar a montagem, resulte-nos freqüentemente em uma frustração, já que ali encontraremos – no geral – poucas referências do mundo específico da montagem. Em outras palavras, a análise em relação à prática teatral está sempre em falta.

A autora, então, desafia as barreiras que impõe ‘o espetacular’ e se impõe à tarefa de dar conta do funcionamento e do tecido dos signos que dão vida ao mundo cênico. Além das limitações que impõe a análise do espetáculo e suas ferramentas – quase sempre insuficientes – ela consegue articular um corpo sólido de reflexões, observações e conclusões. Por razões de tempo, referir-me-ei somente a algumas:

O **espaço** como reino, lugar polivalente. O espaço como corpo cênico, ‘portal de ressonâncias’ como o define Leda Martins no prólogo deste livro, ‘campo de operações’ segundo o grupo Motus. Este enfoque que enquadra as propostas teatrais, considerando o espaço como eixo principal, aponta o que faz a diferença do teatro atual na maior parte do mundo. Museus, edifícios velhos, galpões abandonados, fábricas, transformam ‘continente e conteúdo’, lugares marcados por uma história anterior, por uma vida própria que se incorpora à presente, gerando uma extraordinária dinâmica de relações e vínculos históricos e culturais. Assim também estes espaços corroboram o princípio

que rege esses espetáculos, o da 'performance', amplamente desenvolvido na discussão do conceito, no capítulo II. Espaço e performance se potencializam, e neste sentido, os exemplos da peça *Sapraluogo Nº 1 de Accademia degli Artefatti*, onde transforma o *Palazzo* num túnel que o público deve recorrer até chegar ao teto e olhar a cidade a partir do alto. Ou o exemplo do grupo Kinkaleri que no *Zôo Nº 3* utiliza o Museu Cívico de Zoologia, como espaço de dança, mimetizando os corpos dos artistas com o dos animais embalsamados, citando apenas alguns exemplos eloqüentes.

Os **grupos selecionados**, definidos, descritos e esmiuçados pelo olho analítico, proporciona-nos um universo de amplas repercussões artísticas. Podemos vislumbrar neles a busca e concretização de formas. A seleção desses, como já foi citado, inclui: Academia degli Artefatti, Fanny & Alexandre, Kinkaleri, Motus, Teatrino clandestino. E esses grupos têm como antecedente aos diretores Raffaello Sanzio e Giorgio Barberio Corsetti. Desses dois diretores italianos, tive a oportunidade de ver, no Festival de Avignon 1999, *Voyage au bout de la nuit* baseado nos escritos de Ferdinando Celine, com a *mis en scène* de Romeo Castellucci além de *Orestes* do mesmo diretor, apresentada no Festival Internacional de Buenos Aires (1999), espetáculo que incluía cavalos, burros, macacos, e o papel protagonista de Orestes era um ator com síndrome de Down. Ainda num contexto do Festival, no qual o público está preparado a receber o mais significativo e atual, essa peça causou um rebuliço generalizado. De Giorgio Barberio Corsetti, também no contexto do Festival de Avignon, vi *La Tempesta* de Shakespeare. Estas experiências teatrais me permitiram uma maior apreciação dos componentes analisados pela autora nos cinco grupos selecionados, claramente influenciados por esses antecessores.

O capítulo IV de *Tránsitos y desplazamientos teatrales: de América Latina a Itália* nos traz **fotos dos espetáculos em**

questão e entrevistas aos diretores, atores, iluminadores e cenógrafos comprometidos. Na sua maior parte, os artistas nos dão uma reflexão profunda do seu trabalho, o que complementa e enriquece a análise crítica, permitindo, como bem postula a autora, reconstruir o que Pavis denomina as ‘partituras subjacentes’. O valioso material recolhido dessas fontes representa uma possibilidade única de aceder as origens de seus trabalhos teatrais. Chama atenção o discurso e fundamentação das distintas proposições artísticas e a capacidade auto-reflexiva daqueles que são entrevistados. Nem sempre encontramos os artistas dispostos a comunicar e explicitar seus modos de criação. Por sua vez, as fotos são documentos inigualáveis no momento de visualizar os conteúdos descritos e interpretados ao longo do livro.

Por último, interessa-me ressaltar a marca da enunciação ‘fora do lugar’ como diria Mignolo, citado por Sara Rojo, condição que está desdobrada em várias direções. A primeira e mais estimulante, é a síntese sobre o encontro com a cidade de Roma, sua arquitetura, suas ruínas, suas esculturas, seus bairros e cantos, em resumo, a constatação visível de uma história inescapável. Por um outro ângulo, a enunciação ‘fora do lugar’ de nossa autora, tenta-a a estabelecer pontes e relações entre lá e cá. Dessa maneira, o último capítulo faz um percurso das obras que se entram em contato com as formas e propostas descritas anteriormente. Como aponta Marco de Marinis na nota introdutória do livro, “é a montagem em paralelo à realidade teatral italiana e latino-americana”.

E são muitos outros os pontos de interesse que *Tránsitos y desplazamientos teatrales: de América Latina a Itália* nos coloca, por isso, convido-os a lê-lo e desfrutá-lo.

Tradução: Marcos A. Alexandre

Professor do Departamento de Letras Românicas

FALE/UFMG